

# Variação linguística e a construção de identidade de jovens indígenas no MS

## Variación lingüística y la construcción de identidad de jóvenes indígenas en el MS

### Linguistic variation and the identity construction of indigenous youth in MS

Bruna Carolini Barbosa<sup>1</sup>

Kleber Ferreira da Silva <sup>2</sup>

Josiane Junia Facundo<sup>3</sup>

Ana Lúcia de Campos Almeida<sup>4</sup>

**RESUMO:** O presente artigo objetiva analisar a variação linguística numa comunidade indígena da região de Dourados-MS. As análises são realizadas a partir de uma produção musical - “*Eju Orendive*” - e de uma entrevista com o grupo de Rap “Brô MC’s”, eventos registrados e disponíveis no *Youtube*. Embora de abordagem variacionista, a ênfase não está na quantificação, não se esgotando na quantidade de ocorrência dos fenômenos; caracteriza-se, portanto, como uma pesquisa de natureza qualitativo-interpretativista,

---

<sup>1</sup> Mestra em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina – PPGEL/UEL. Aluna de doutorado pelo mesmo programa. Professora colaboradora no curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. Contato: brunabarbosa@uenp.edu.br

<sup>2</sup> Graduado em Letras - Licenciatura Habilitação em Português/Inglês pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Pós-Graduado em Estudos da Linguagem pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Mestre em Linguística e Transculturalidade (UFGD). Doutorando em Estudos da Linguagem (Universidade Estadual de Londrina - UEL). Contato: KleberSilva@ufgd.edu.br

<sup>3</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (2012), graduada em Pedagogia; e Letras; Especialista em Educação Especial, Psicopedagogia e Educação Bilíngue para Surdos/ Libras. Docente do Instituto Federal de Educação do Tocantins Contato: josiane.almeida@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1976), mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Atualmente é docente do departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina - PR. Contato: josiane.almeida@yahoo.com.br

sobre os índices de variação identificados no corpus. As bases teóricas que embasam a pesquisa partem dos estudos Sociolinguísticos e Sociológicos, ancorando as reflexões sobre identidade e variação lingüística. Os resultados demonstram que as práticas sociais de jovens dessa comunidade são permeadas pelo uso da escrita, dando origem a formas híbridas de linguagem, expressas na sua arte e nos seus falares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento. Hibridação. Variação lingüística.

**RESUMEN:** El presente artículo pretende analizar la variación lingüística en una comunidad indígena de la región de Dourados-MS. Los análisis fueron realizados a partir de una producción musical "Eju Orendive" - y de una entrevista con el grupo de Rap "Brô MC's", eventos registrados y disponibles en *Youtube*. Aunque sea de abordaje variacionista, el énfasis no está en la cuantificación, ni se agota en la cantidad de ocurrencias de los fenómenos; se caracteriza, por lo tanto, como una pesquisa de naturaleza cualitativo-interpretativista, sobre los índices de variación identificados en el corpus. Las bases teóricas que sustentan nuestro trabajo son los estudios Sociolingüísticos y Sociológicos, anclando las reflexiones sobre identidad y variación lingüística. Los resultados demuestran que las prácticas sociales de jóvenes de esa comunidad están impregnadas por el uso de la escritura, dando origen a formas híbridas de lenguaje, expresadas en su arte y en sus hablantes.

**PALABRAS-CLAVE:** Letramento. Hibridación. Variación lingüística.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the linguistic variation in an indigenous community in Dourados-MS region. The analyses are made from a musical production and an interview with the group "Rap Brô MC's", events recorded and available on *Youtube*. Although using a variant approach, our emphasis is not put on quantification, it is not exhausted in the quantity of occurrences of the phenomena, in fact it is characterized as a qualitative-interpretative research, on the indexes of variation identified in the corpus. The theoretical bases that underpin the research depart from Sociolinguistic and Sociological studies, anchoring the reflections on identity and linguistic variation.. The results show that the social practices of this community with the use of writing are permeated by the culture of the majority society, giving rise to hybrid forms of literacy, expressed in their art and in their words.

**KEYWORDS:** Literacy. Hybridization. Linguistic variation.

## Apresentação do Objeto de Pesquisa

Partindo da premissa de que a Língua Portuguesa do Brasil é atravessada pelo multiculturalismo, resultando em muitas variedades lingüísticas, este artigo propõe a análise de uma dessas variedades, oriunda da comunidade indígena da aldeia *Jaguapiru*, localizada na região de Dourados-MS. A amostra foi coletada a partir de uma música e de uma entrevista disponíveis no *Youtube*, tendo como protagonistas moradores da referida aldeia que integram um grupo de *Rap*

conhecido como *Brô MC's*.

O arcabouço teórico contemplado, além da Linguística Aplicada, ancora-se na Sociolinguística Variacionista e na Sociologia, pautando reflexões sobre a variação linguística e sua inter-relação com a Cultura e a Identidade. Assim sendo, as ponderações e análises propostas partem de determinados marcadores linguísticos apresentados na constituição da letra da música "*Eju Orendivê*" e de uma entrevista que evidencia fenômenos variacionistas inter-relacionados com a cultura e a construção da identidade representadas em práticas discursivas de determinado grupo comunitário indígena.

Apresentamos, neste artigo, os pressupostos teóricos e algumas reflexões que norteiam as análises, primeiramente, perpassando a noção de "hibridação intercultural"; em seguida, discorreremos sobre a caracterização do dilema "da difusão ou focalização dialetal" enfrentada pelos indígenas na construção de uma identidade. Posteriormente, na perspectiva da variação linguística, propomos uma discussão que abarca a supervalorização da norma padrão, o acesso às variedades cultas e a aquisição das práticas socioculturais da escrita como mecanismos reguladores das práticas discursivas que constituem a identidade indígena. Por fim, classificando os dados em dois grupos (variação em nível morfossintático e variação em nível fonético), expomos a análise fundamentada, destacando alguns recortes da entrevista que fornecem dados singulares (elencados como subcategorias) da variação linguística evidenciada.

Outrossim, consideramos que as diversas ocorrências ou categorias de variação linguística retratadas confluem para a apreensão de fatores da regionalidade (variação diatópica), do contexto comunicativo (variação diafásica) e do grupo social a que pertencem os falantes implicados (variação diastrática).

Os recortes, sobretudo da entrevista, foram transcritos para melhor compreensão de cada fenômeno descrito na etapa analítica.

## Hibridação Cultural

Nenhum povo vive de forma isolada. Na Antiguidade greco-latina, por exemplo, teriam ocorrido manifestações do fenômeno hibridismo, uma vez que, durante a conquista e domínio de vários povos, impunham-se novos idiomas, religiões, ciências, enfim, outras culturas. Consideremos o caso dos egípcios, uma cultura que conviveu com a latina em condições de submissão sem, contudo, abandonar suas raízes; isto nos permite perceber que a cultura dominante nunca foi incorporada passivamente pelos dominados, mas que teria ocorrido sempre um jogo de influência mútua, produtora da hibridação.

Sustentar noções de purismo ou de constituições homogêneas relacionadas aos conceitos de identidade e cultura é absolutamente paradoxal, visto que a identidade de um sujeito está, incontestavelmente, atrelada ao caráter relacional com o contexto e ao encontro com o outro. As forças globais exercem uma clara influência nesse fenômeno e isso implica uma desconstrução e reconstrução de identidades, processo observado e analisado pelas teorias de hibridação (CANCLINI, 2015).

Uma concepção de caráter essencialista e purista está presente na noção das identidades nacionais, direcionada para a homogeneização, sem considerar que a identidade de uma determinada população é marcada por uma perspectiva contrastiva em que as diferenças são marcadas pelas distinções linguísticas e culturais. Essa visão única leva à construção e reificação de estereótipos que são comumente disseminados pela mídia, como o personagem Zé Carioca, o futebol, o samba e as mulheres sensuais e nuas das praias e do carnaval brasileiro, compondo um imaginário que, conforme afirma Schmeil (1994, p. 71):

[...] sempre foi divulgado internacionalmente pelos meios de comunicação de massa através de imagens de um mundo tropical, quente e sem regras muito rígidas, como uma arena anti-estrutural. Muitas propagandas veiculadas em televisão mostram paisagens compostas de uma fauna e flora rica e colorida, onde mulheres morenas felizes e seminuas e sensuais dançam ou caminham a beira-mar, ao sol quente, embaladas por um samba carnavalesco, acompanhadas de seu simpático e esperto malandro, que no meio do percurso pega uma bola e demonstra agilidade no futebol.

A partir da descrição de Schmeil (1994), fica evidente a influência da mídia de massa na construção da imagem nacional e da identidade dos sujeitos por meio de processos centralizadores e homogeneizadores que, praticamente, apagam a presença dos povos indígenas brasileiros ou as evidenciam de modo estereotipado ou com valoração depreciativa, como na música "Baila Comigo" de Rita Lee, que no trecho "*se Deus quiser um dia eu quero ser índio, viver pelado, pintado de verde num eterno domingo*", promove uma visão única, homogeneizada e caricaturesca do índio que é constituído somente pela imagem de um homem de corpo pintado que usufrui de ócio permanente.

As novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (doravante, TDICs) têm influenciado a cultura em nosso tempo, emergindo algumas vezes como ferramenta de subversão da ordem clássica dos estratos sociais, para criar um movimento de ruptura, uma virada contra-hegemônica (SOUZA-SANTOS, 2001). Este é o caso do grupo indígena de *Rap Brô MC's*, cuja voz, produto da hibridação intercultural, fortalece a identidade e o discurso de seus conterrâneos por meio dos vídeos veiculados no *Youtube*. Certamente, a hibridação das culturas indígenas não é decorrente das TDICs, mas se iniciou desde a chegada dos povos portugueses que, quando aportaram no Brasil, trouxeram uma bagagem cultural completamente distinta da dos índios que aqui habitavam.

Como é possível perceber, essa mescla cultural é parte de um processo sócio-histórico que ficou mais evidente na contemporaneidade, dada a intensa fusão das culturas decorrente do fenômeno da globalização. Quando falamos de identidade não nos referimos a uma característica étnica, mas como "sendo um constructo socio-histórico por natureza, e por isso mesmo, um fenômeno essencialmente político, ideológico e em constante mutação" (MAHER, 2016). A questão da identidade indígena vai além de uma construção permanente, trata-se de uma construção que é refeita conforme se estabelecem as relações sociais do índio e de outros seres sociais.

Na contemporaneidade, as influências exercidas externamente sobre uma dada cultura, graças à tecnologia, levam a um processo de hibridação cultural, entendida por Canclini (2015) como um movimento que promove a

desterritorialização da cultura e a descoleção dos sistemas culturais e a criação do que ele denomina gêneros impuros. Assim, “as hibridações já não permitem vincular rigidamente as classes sociais com os estratos sociais [...] a tendência predominante é que todos os setores se misturem em seus gostos e objetos de procedências antes separadas” (CANCLINI, 2015, p. 309).

Entendemos a identidade como um construto sócio-histórico essencialmente político, ideológico e em constante mutação. E é por isso que, nesta relação situada em um determinado tempo e espaço social, o índio constrói modos de ser particulares. É a partir desse *ethos* sócio-histórico sociomultifacetado que emergem as práticas discursivas que constroem e projetam sua identidade. O grupo *Bro MC's* quebra paradigmas territoriais, culturais, linguísticos e discursivos, o que nos leva a concluir que todas as culturas se constroem nas relações que estabelecem entre si.

### **Língua Indígena e Língua Portuguesa - Entre a Focalização e a Difusão Dialetoal: uma Questão de Identidade**

O indígena contemporâneo vivencia um dilema cultural que está diretamente relacionado com o atual período sócio-histórico. Esse dilema, sobremaneira identitário, abarca a dimensão verbal no momento de tensão em que se deve optar pela focalização ou pela difusão dialetoal.

A sociolinguista Bortoni-Ricardo (2005), ao abordar a urbanização no Brasil descreve que, na América Latina, o campesinato foi o segmento que mais cresceu, sobretudo, levando-se em conta os migrantes de origem rural que procuram melhores condições de vida nas cidades, permanecendo, no entanto, à margem do sistema de produção. Aqui cabe uma reflexão: e no caso dos indígenas douradenses “*Brô MC's*” e outros povos que tiveram seus espaços confinados em virtude do desenvolvimento urbano e/ou agropecuário? Quais seriam suas “opções” em termos de desenvolvimento étnico-cultural?

Segundo Le Page (apud BORTONI-RICARDO, 2005, p. 96) “[...] um falante cria suas regras linguísticas de modo a se aproximar dos membros do grupo com

o qual deseja identificar-se, no momento da enunciação de cada ato de fala. Por isso cada ato de fala é visto como um ato de identidade". Por seu turno, Labov (1966), postula que numa situação de mobilidade social emerge a "hipótese do conflito" em que pode existir uma orientação para o prestígio ou uma orientação para a identidade.

Assim sendo, sem deixar para trás o vernáculo, o grupo *Brô MC's* e milhares de jovens indígenas contemporâneos, ao aspirarem à mobilidade socioeconômica, seguem nessa levada centrífuga "pós-moderna" híbrida, fluida e desterritorializada. É no imbricamento entre o local e o global que os jovens cantores fazem ecoar o seu "grito de guerra" conclamando seus pares para o "combate", enfim, para a representação de si e dos seus. Esse seria o pensamento consensual na aldeia? Teria o orgulho prevalecido sobre o preconceito?

Certamente um estudo socioantropológico de redes<sup>5</sup> associado a análises sociolinguísticas nos dariam as características da orientação "sociolinguística" que caracteriza as etnias dos jovens que compõem o grupo artístico "Brô MC's". Contudo, observamos em suas expressões verbais (linguísticas) e não-verbais (imagéticas) vestígios ideológicos de diversas esferas (religiosa, cultura hip hop, por exemplo) que denotam uma representação da cultura "estrangeira" em concorrência com aspectos tradicionais de suas vidas.

Como todo artista na cultura do não índio, o grupo *Brô MC's* produz a sua arte para um destinatário, elegendo um público alvo que, possivelmente, por sua vez, compartilha dos mesmos gostos, mesmas preferências e mesmos costumes. A proporção desse público interno não nos é conhecida, mas podemos inferir que os mais jovens sejam os mais suscetíveis ao apelo dos artistas locais. Talvez, pelo contato mais intenso com outras culturas proporcionado pelas relações diretas (trabalhista, comercial, educacional) com a vizinhança "branca" e, relações indiretas, por intermédio das mídias que dividem espaço com a fome e a violência nos lares da aldeia.

---

<sup>5</sup>Veja a noção de redes insuladas e redes integradas em Bortoni - Ricardo (2005).

No que diz respeito aos estudos sociolinguísticos, o falante nativo, ao mobilizar-se ou projetar-se socialmente, elege um “grupo de referência” (BORTONI-RICARDO, 2005), mas, seria o grupo de referência eleito pelo *Brô MC's* equivalente ao grupo de referência eleito por todos os jovens, ao menos, pela maioria dos membros de suas aldeias? Essa questão digna de uma análise mais profunda sintetiza uma reflexão a respeito da variação diastrática, em nível morfossintático, evidenciada na canção “Eju Orendivé”. Ademais, temos o propósito de evidenciar também nuances da variação diatópica e diafásica, sobretudo em um vídeo produzido pela Central Única das Favelas (CUFA/MS) no qual, no ano de 2010, registrou-se em suporte audiovisual uma entrevista com indígenas *rappers* no município de Dourados-MS.

### **Língua e variação linguística: aspectos implicados nas práticas discursivas constituintes da identidade**

No que diz respeito à variação linguística, quer diatópica, quer diastrática, ambas já foram bastante exploradas e descritas pelas pesquisas sociolinguísticas, o que permite observar que toda comunidade caracteriza-se pelo emprego de diferentes modos de falar - as variantes linguísticas que “são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1985). Entretanto, há demasiado privilégio conferido à denominada “norma padrão”, idealizada a partir de modelos literários do passado, o que constitui uma visão reducionista que descreve uma falsa unidade do português do Brasil.

A supervalorização da norma padrão e o mito da unidade linguística do Brasil são frutos de equívoco que produz o efeito de submeter determinados falantes a processos de violência simbólica e estigmatização por parte da mídia e também da própria escola. Ao exigir que todo e qualquer falante domine a norma padrão, os agentes conservadores ignoram o fato de que toda variedade possui uma norma relacionada às práticas de letramento do grupo a qual se refere, e que a norma mais elaborada, utilizada em situações mais formais e com

maior correção gramatical, nada mais é que “a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), e por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita” (FARACO, 2008, p. 40).

Até a década de 1980, o acesso às variedades cultas da língua era tratado em uma perspectiva bidialetal, posteriormente superada, por estar mais centrada nas formas linguísticas. Atualmente, está claro que a discussão não se restringe às variedades cultas em si, mas à aquisição das práticas socioculturais da escrita. A variedade culta ocorre em usos mais monitorados e em segmentos sociais situados do meio para cima na escala da hierarquia econômica, com níveis mais elevados de escolaridade e com amplo acesso aos bens culturais. A denominada “norma ou variedade culta” (FARACO, 2005, p. 33), é natural e recorrente para os falantes desse contexto e quando estabelecida como padrão em uma sociedade linguisticamente heterogênea, acaba por se tornar um construto idealizado.

Dessa forma, o domínio das formas linguísticas da variedade culta não garante a inserção do sujeito nas esferas de comunicação a que ela pertence (FARACO, 2008). Portanto, não é o domínio da norma padrão que garante a participação social, bem como não é a falta dela que impede que os indivíduos construam seu discurso e identidade, como no caso do grupo *Brô MC's*, que não dominam a norma de prestígio, mas expressam sua mensagem sem prejuízo de valor discursivo.

A variedade do português falada pelos integrantes do grupo de *Rap* está intimamente relacionada às práticas de letramento da comunidade da qual fazem parte. Por não estarem inseridos em grupos socioculturais que utilizam práticas de letramento privilegiadas socialmente, a norma culta não é natural a esses indivíduos.

É importante ressaltar que a língua indígena é a língua materna para esses sujeitos e o português uma segunda língua, adquirida por meio das práticas de letramento escolar e por práticas de letramento vernaculares, isto é, não institucionalizadas. No caso do *Bro MC's*, o contato com outros grupos musicais

de *Rap* e práticas de letramento religioso tem grande influência em sua formação, como fica evidente nos trechos da música *Eju Orendive*, “[...] Está na mão do Senhor, não estou para matar; sempre peço a Deus que ilumine o seu caminho e o meu caminho [...]” e também nos trechos “[...] Levante sua cabeça, se você chorar não é uma vergonha; Jesus também chorou quando ele apanhou [...]”.

Os índios do grupo *Brô MC's* são sujeitos com uma identidade multifacetada por conta dos processos de hibridação cultural, e seus modos de enunciar são também híbridos uma vez que, para construir seu discurso, fazem uso da sua língua materna e da variedade culta do português, decorrente das suas práticas de letramento, também híbridas, já que os usos sociais da escrita são feitos no meio escolar, religioso, cultural etc. Sendo assim, embora o português, o letramento religioso cristão e o letramento de resistência através do *Rap* não sejam símbolos tradicionais de indianidade, este grupo faz uso dessas práticas discursivas como constituidoras de sua identidade indígena.

### **Análise dos Dados**

Essa seção apresenta a descrição dos dados e a análise fundamentada numa abordagem qualitativa e interpretativista que nos permite apreender a natureza heterogênea da oralidade registrada nos recursos audiovisuais analisados.

### **Varição em Nível Morfossintático**

Em relação aos fenômenos discursivo-pragmáticos, Martins, Vieira e Carvalho (2014) consideram que há vários estudos recentes que têm contribuído, de modo significativo, com análise de fenômenos ainda não registrados por gramáticas normativas ou livros didáticos. Essas análises contribuem “investigando as atitudes e crenças linguísticas implicadas na variação linguística e identificando estratégias argumentativas envolvidas no texto escrito e suas marcas linguísticas” (SALOMÃO, 2011, p. 193).

Ressaltamos que a variação linguística pode ser evidenciada na fala também. Tais marcas podem ser melhor observadas a partir de alguns tópicos de análise. Por se tratar de texto oral, considerando o gênero musical e uma entrevista, serão levados em conta os fenômenos ligados aos marcadores conversacionais, que são definidos por Kodic (2008) como:

[...] uma expressão que serve de elo de ligação entre unidades comunicativas e que torna a linguagem falada dinâmica e expressiva. Constituem sinais que amarram o texto enquanto estrutura de interação interpessoal e asseguram o desenvolvimento continuado do diálogo, frequentemente operando como dêiticos discursivos que pontuam o texto conversacional. São em sua maioria desprovidos de conteúdo semântico e papel sintático, e irrelevantes na interpretação do tópico; contudo, não deixam de ser imprescindíveis e recorrentes na construção do discurso. (KODIC, 2008, p.2)

Entre os fenômenos que podem ser observados na entrevista com o grupo *Brô MC's* estão os "Conectores Sequenciadores". Nos exemplos a seguir temos um recorte da fala de um dos componentes do grupo:

*"Aí fui conhecendo os parceiro: o Charles e o Kelvin, aí o Clemerson, também, aí foi surgino [...]"*

Essas marcas são típicas do discurso oral, em situações informais de uso da língua portuguesa. Koch (2015, p.132) se refere a esses marcadores como "continuadores, que operam o 'amarramento' de porções textuais. Martins, Vieira e Tavares (2014) apontaram a ocorrência do conector *aí* tanto em textos orais como escritos, porém com maior ocorrência na oralidade, o qual se revelou ser uma forma bastante estigmatizada e rejeitada pela camada mais escolarizada da sociedade. Desse modo, pode-se inferir que, quanto mais formal a situação, mais monitorada será a fala, com menor ocorrência desse fenômeno.

O gênero entrevista, embora muito presente em situações formais, pode se dar num contexto de informalidade também, a depender das intenções e da condução do entrevistador. Pode-se considerar que esse clima informal na entrevista com o *Brô MC's* se caracterizou devido ao fato de ocorrer na própria aldeia (ambiente familiar) e de forma coletiva, entre amigos, contribuindo para que a fala fosse menos monitorada, favorecendo o aparecimento do fenômeno.

Outro fenômeno que aparece na fala de um dos entrevistados é o uso da partícula *né*, popularmente conhecido no âmbito escolar como vício de linguagem.

De acordo com Martelotta e Alcântara (1996) a partícula *né?* se apresenta no processo discursivo com duas características básicas:

Por um lado, sofre redução fonética: é o resultado da trajetória não é verdade? > não é? > né?. Por outro lado, sofre desgaste semântico, passando a funcionar inicialmente como pergunta retórica (que não pede a resposta do ouvinte) e, em seguida, como preenchedor de pausa. (MARTELOTTA; ALCÂNTARA, 1996, p. 156).

Na entrevista com o grupo *Brô MC's*, as três primeiras ocorrências da partícula *né?* aparecem com a função de preenchedor de pausa, como se pode observar a seguir:

*"A gente tá aprendeno a dança, né?"*

*"Pra se apresentá, né?"*

*"Eu primero né [...] comecei a compô as música"*

Martelotta e Alcântara (1996, p. 159), explicam que nesse caso, a partícula *né* pode marcar uma hesitação por parte do falante, referente ao que vai ser dito em seguida. "[...] indicam que o informante está inseguro quanto à expressão que vai usar". Os autores observam que a ocorrência desse fenômeno nas entrevistas é relativamente comum, pode indicar que o informante está com dificuldades para encontrar o termo ideal para dar sequência ao que irá dizer em seguida.

Considerando a situação do membro do grupo *Brô MC's* de ser entrevistado em sua segunda língua, dirigindo a palavra àquele falante nativo da língua portuguesa, é compreensível que ele demonstre certa hesitação na fala.

Digna de análise é também a ocorrência da forma *a gente* como sujeito gramatical de referência indeterminada. Vieira e Freire (2014) apontam estudos quantitativos acerca dessa ocorrência, que revelam a maior recorrência dessa forma na oralidade em detrimento do pronome *nós*. Esse uso se justifica

exatamente por se tratar de um gênero oral.

É importante observar também que ao utilizar a forma *a gente* no lugar de *nós*, o grupo não utiliza a concordância estigmatizada como “a gente fomos”, por exemplo, mas faz a concordância adequada à norma culta, como se nota a seguir:

*"A gente tá aprendeno a dança, né?"*

*"Então, é por isso, a gente faz sobre o rapper que fala é um pouco de..."*

Outro recurso utilizado pelos entrevistados foi o uso do termo *tipo*. A expressão é recorrente na fala de jovens de vários extratos sociais, embora o termo ainda seja bem estigmatizado ao ponto de seu uso ser considerado “miséria vernacular absoluta” (DÓRIA; ALVES, 2014, p. 271) Nos exemplos a seguir, podemos notar que esse termo também aparece como preenchedor de pausa:

*"O... grupo Brô nasceu tipo [...] é [...] na gravagem do filme [...]"*

*"Então a gente começo tipo [...] nas dança mesmo primeiro tamém [...]"*

No nível inter-oracional, Dória e Alves (2014, p. 273, apud Bittencourt, 1999) salientam que a locução *tipo assim* “exerce o papel sintático de conjunções e expressa muitas das relações semânticas veiculadas por aquelas. Isso fica evidente em contextos em que *tipo assim* ou *tipo* (sem *assim*), traduzem uma explicação, causalidade e finalidade.” Na entrevista analisada não aparece a expressão *tipo assim*, mas observa-se que a expressão *tipo* isoladamente pode assumir essa mesma função, tal como nos excertos a seguir:

*"Então a inspiração é tipo[...] fala um pouquinho o Guarani tamém[...]"*

*"Porque o Brô MC's é tipo[...] de irmão, né?"*

*"Então nos inspiramo mesmo num, nos pessoal de fora, no que curtia mesmo rap nacional, tipo que "racionalis"[...]"*

Essa ocorrência, em ambas as situações se justifica de fato por ser um fenômeno de variação diastrática, considerando a faixa etária dos integrantes do grupo aparentemente jovem. Esse fenômeno pode ser considerado também como uma “gíria”.

A gíria denomina formas de expressões desprestigiadas, emergente, sobremaneira, em grupos minoritários. A linguista Bortoni- Ricardo (2005) adverte que no Brasil e em toda a América latina, a variação linguística relaciona-se não só à estratificação social, mas também à dicotomia rural *versus* urbano. Segundo a autora, esses dois fatores se interpenetram posto que grande parte da população rural egressa do campo constitui também o estrato mais pobre da pirâmide social, formando um segmento visto como marginal e segregado do sistema de produção.

Na aldeia suburbana, berço do *Brô MC's*, a situação é bem relacionada com esse panorama supracitado na medida em que sua população revela, em suas práticas sociais, características do imbricamento estratificação social e contínuo rural-urbano. Por consequência, a variedade linguística, ao menos do grupo investigado, carrega marcas desses contínuos.

Esse *status* “de redes densamente inter-relacionadas” tem em sua essência, nas palavras de Bortoni- Ricardo (2005, p. 85) “[...] geralmente, um alto grau de coesão interna no grupo e consequentemente resistência aos valores dominantes”.

Nesse sentido, a gíria dá indícios desse fenômeno linguístico ocorrente num grupo periférico<sup>6</sup>, podemos dizer “rurbano”, que aspira à “visibilidade” e ao *status* dos grupos urbanos, paradoxalmente, segregados ou marginalizados. Aqui, evidencia-se o conflito entre manter o vernáculo ou aderir ao estrangeiro eleito como referencial:

Achei *massa* também a dança

No estudo do português brasileiro contemporâneo, de acordo com Bortoni- Ricardo (2005), é um problema distinguir entre regras variáveis que definem uma estratificação gradual, ou seja, um aumento crescente na frequência quando se estuda os diversos grupos sociais, e as regras que indicam uma demarcação descontínua, definida entre os grupos e presente no repertório verbal de alguns estratos e ausentes noutros.

---

<sup>6</sup> Os membros do grupo *Brô MC's* representam o seu espaço de moradia como uma “Aldeia-favela”.

Dentre essas “regras variáveis” a redução da marca de gerúndio ou “assimilação e degeminação do /nd/” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 56) é uma categoria de “erros decorrentes da interferência de regras ou traços fonológicos variáveis graduais”. A autora defende que esses desvios funcionam como indicadores de variáveis sociais, diastráticas, mas também como marcadores de registros entre falantes na língua culta, ocorrendo com maior frequência nos registros não-monitorados.

Esses marcadores da “redução da marca morfêmica do gerúndio -nd para n” foram identificados por Lemle (1978) ao estudar a heterogeneidade dialetal, tal como apresentam Matos e Silva (2003, p. 57). Essa categoria de marcadores foi encontrada na expressão dos membros do grupo indígena analisado:

Tamém to achano...aprendeno

A gente tá aprendeno a dança, né?

Os “traços decorrentes da interferência de regras que suprimem morfemas flexionais” que implicam modificações nas regras de concordância da língua-padrão, segundo Bortoni- Ricardo (2005), podem oscilar como graduais ou descontínuos, mas, muitas vezes, isso está relacionado com a “saliência fônica na aplicação das regras de concordância”, isto é, o grau (mínimo ou máximo) de percepção entre a forma singular ou plural.

Nesse sentido, ao abordar a questão da concordância verbal na fala e na escrita, Vieira e Freire (2014, p. 86) tecem sobre o estereótipo linguístico laboviano. Segundo os autores, na realidade brasileira, os estudos linguísticos demonstram um *continuum* quanto à realização das marcas canônicas de número, caracterizando as variedades brasileiras das mais rurais e populares (baixo índice de marcação de plural) às mais urbanas e cultas (com expressivos índices de marcação). A ausência da marca de “3ª pessoa do plural” é um exemplo de variação linguística, pouco incidente na fala culta carioca que, em contraste, é uma marca bem recorrente que caracteriza a concordância verbo-nominal na fala dos indígenas *rappers* douradenses:

"[...] *Aí fui conhecendo os parceiro [...]*

*[...] o Bruno e Cleberson começo a fazer primeiro o grupo deles [...]*

*[...] o Kelvin e o Charles são irmão tamém.*

*[...] E o pessoal agora tão aí junto com nós aí [...]*

Observamos que no último exemplo, ao empregar um termo que denota um significado coletivo, o falante tende a efetuar uma variação na concordância verbal motivada pelo fator de ordem semântica.

Observamos, também, a ocorrência de variação na concordância nominal no uso da 1ª pessoa do plural, concomitantemente, com a ocorrência da variação que caracteriza a marca de ausência da 3ª pessoa do plural:

*[...] Eu e ele somos irmão, o Kelvin e o Charles são irmão*

### **Variação em Nível Fonético**

No que diz respeito ao nível fonético, é comum na fala (inclusive de não índios), em situações de informalidade e fala não monitorada ou com baixo grau de monitoramento a “tendência a anular-se a oposição entre [e] e [i], bem como [o] e [u], em posição pré-tônica, realizando um arquifonema” (MATTOSO CÂMARA, 1957). Esse fenômeno variacionista, contudo, foi identificado já em meados do século XX por Joaquim Mattoso Câmara Júnior, ao analisar “tendências coletivas da língua coloquial culta” no Rio de Janeiro em situação formal.

Não obstante, o fenômeno ainda é recorrente no Brasil e pudemos constatá-lo nos dados analisados, visto que na canção investigada, o fenômeno acontece na posição pré e pós-tônica, também.

É importante salientar que essa ocorrência não é exclusiva dos dados fonéticos presentes na música do *Brô MC's*, uma vez que é comum na fala e em canções musicais de não índios, caracterizando o Português Brasileiro contemporâneo:

*"[...] purque...não, nu... é porque eu to criticanu us brancu"*

*"O grau da sua maldadi"*

*"Povu contra povu, não pode se matar"*

Outra marca de variação identificada é a “Tendência à omissão do [s] e do [r] finais antes de pausa” descrito por Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1957).

Porém, no caso analisado, identificamos a omissão, sobretudo do [r] em posições finais independentemente da ocorrência de pausa. A omissão do [s] está relacionada mormente com a não observação da concordância do verbo com a 3ª pessoa do plural, conforme casos já mencionados. Esses fatores são comuns na fala no Português Brasileiro contemporâneo em conversas com pouco grau de monitoramento:

*[...] comecei a compô as música [...]  
[...] o Bruno e o Cleberson começo a faze primeiro o grupo deles, depois que eu fui entra no grupo.  
É, pra não entra num caminho errado e no caminho das droga, da violência, saí do mundo do crime [...]  
A nossa mensage mesmo ah [...] é [...] é [...] leva po pessoal umas ideia positiva né? [...]  
[...] um pouco das crítica que o parceiro tava falano.*

Os dados desvelam um traço diafásico, diatópico e diastrático da variação linguística que tem caracterizado o Português Brasileiro contemporâneo. Esse idioma, longe de ser uma língua homogênea, constitui-se com base na miscigenação étnico-racial, mas sobretudo alavanca-se pela mobilidade sociocultural que, em menor ou maior grau, continuamente influencia as práticas de letramento no espaços rurais, suburbanos e urbanos do nosso país. Assim, delineia-se a “realidade plural” (MARTINS, VIEIRA; TAVARES, 2014) da língua portuguesa no Brasil.

Esses dados descritos e analisados nos permitem vislumbrar sujeitos que, em virtude de um imbricamento sociocultural, revelam em suas expressões verbais, especialmente na oralidade, usos sociais da escrita em língua estrangeira. Nesse contexto de pesquisa, constatamos a constituição de sujeitos que discursivamente se representam híbridos, projetando suas vozes por intermédio do uso de espaços fluidos, fronteiros materializados, sobretudo, em mídias que alçam a aldeia global.

## Considerações Finais

Os argumentos teóricos utilizados ao longo do texto nos permitiram refletir acerca de como, as identidades vêm sendo construídas, ideologicamente, de modo a produzir estereótipos sobre determinados grupos. Essas construções são elaboradas pelas classes dominantes ou de maior poder econômico e político que controlam os meios de comunicação em massa, apresentando sua cultura e sua variedade linguística como ideais, sendo ambas – língua e cultura - supervalorizadas em detrimento dos saberes e variedades de grupos marginalizados.

Vimos, por outro lado, que esses grupos, no qual estão incluídos os indígenas, buscam subverter a ordem clássica, utilizando entre outras artimanhas, as TDICs, como é o caso do grupo de *Rap Brô MC's*, do qual provem o *corpus* analisado neste artigo. Esse grupo usa o meio digital para divulgar sua arte e seu discurso, ambos revelando processos de hibridação cultural.

Ao utilizar elementos da cultura externa, esses indígenas modificam tais elementos, imprimindo elementos de sua própria cultura, caracterizando a hibridação cultural.

Como forma de resistência e de afirmação, essas comunidades utilizam-se da variedade de maior prestígio nas mídias e nos espaços em que elas circulam, para fazer valer seu discurso. Assim sendo, cada ato de fala é visto e representado como um ato de identidade cultural “pós-moderna”.

As análises sociolinguísticas da variedade utilizada pelo grupo de *Rap Brô MC's* evidenciaram a presença de fenômenos reconhecidamente comuns no falar de jovens das regiões urbanas do Brasil, como: conectores sequenciadores, preenchedores de pausa, uso de “a gente” como sujeito gramatical de referência indeterminada, variações no nível fonético dando origem a arquifonemas, omissão dos `s` e `r` antes de pausas (ou não), e uso de gírias. Essa análise revelou variações de natureza diafásica, diatópica e diastrática que tem caracterizado o Português Brasileiro contemporâneo.

Os fenômenos linguísticos identificados inicialmente na canção “Eju

Orendivè”, que motivaram investigar os falares da comunidade da aldeia Jaguapiru, por meio da análise da entrevista, confirmaram os argumentos referentes aos processos de hibridação cultural, tendo em vista a utilização de expressões do meio religioso e urbano.

Com esse estudo pudemos constatar que a aldeia não é um espaço isolado, cuja cultura é cristalizada e imune a outras manifestações culturais, mas um espaço onde o local e o global se imbricam, originando formas híbridas de manifestação linguística e cultural.

## Referências

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. Erros escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro. *Romanistisches Jahrburg*, 1957a. p. 279-86.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- CARVALHO, Evanir Piccolo. *Imaginário, memória e linguagem: as fronteiras entre o dizível e o indizível no ensino da língua portuguesa*. 2004. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM), Santa Maria.
- CORACINE, Maria José R. F. A celebração do outro na constituição da identidade. *ORGANON- Revista do Instituto de Letras da UFRGS*. Porto Alegre v. 17, n. 35, 2003.
- DÓRIA, Tércia Priscila Lima.; ALVES, Valéria Rios Oliveira. Estudo da gramaticalização do termo/expressão tipo assim em “o diário de Tati”. *SOCIODIALETO*. Volume 4 . N.º 12. Maio 2014.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2015.

KODIC, Marília de Toledo. A caracterização do discurso oral por meio de Marcadores *Conversacionais* *Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação*. Ano 1 - Edição 3 –Março/Maio de 2008.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York*. Washignton: Center of Applied Linguistics, 1966.

LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In: LOBATO, L. (org.) *Sociolinguística e ensino de vernáculo*. Rio Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978, p.60-94.

MAHER, Terezinha Machado. *Ser Professor sendo índio: questões de língua(gem) e identidade*. 1996. 262f. Tese (Doutorado em Linguística) UNICAMP, Campinas, 1996.

MARTELOTTA, Eduardo. M.; ALCÂNTARA, Fabiana. Discursivização na partícula né? In: MARTELOTTA, Mario; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria M. *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTINS, Marco Antônio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. Contribuições da Sociolinguística brasileira para o ensino de português. In: MARTINS, Marco Antônio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. *Ensino de Português e Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Alguns aspectos da heterogeneidade dialetal brasileira e sua relação com o ensino de português. In: *Contradições no ensino do português: a língua que se fala x a língua que se ensina*. São Paulo: parábola, 2003. p. 52-77.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Terra à Vista- Discursos do Confronto: Velho e Novo Mundo*. São Paulo: Ed. Cortez, 1990.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística variacionista no Brasil. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011.

SCHMEIL, Lilian. "Alquila-se una isla", turistas argentinos em Florianópolis. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SERRANI, Silvana. Memórias discursivas, línguas e identidades sócio- culturais. *ORGANON- Revista do Instituto de Letras da UFRGS*. Porto Alegre v. 17, n. 35, 2003.

SOUZA-SANTOS, Boaventura de. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

TRINDADE, Israel Elias. O português como língua indígena: o fenômeno da monotongação como elemento de construção da identidade tapuia. *Anais do SILEL*. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; FREIRE, Gilson Costa. Variação morfossintática e ensino de português. In: MARTINS, Marco Antônio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice +. *Ensino de Português e Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.